

IV

A CONSTRUÇÃO DE SI E DO OUTRO EM UMA REDE COLABORATIVA:

experiências nas interações entre professores e estudantes no contexto da pesquisa educacional.*

*Dália Melissa Conrado
Nei Nunes-Neto*

Aprender algo e depois poder praticá-lo com regularidade, isso não é contentamento? Se amigos vêm de lugares distantes, isso também não é uma alegria? (CONFÚCIO, 2012, p. 2)

Introdução

Como na epígrafe acima, nossa participação no projeto PROMOB foi assim: conseguimos perceber conexões entre prática e discurso; conseguimos sentir afetos de nossos amigos, que nos receberam para compartilharmos, juntos, diferentes aprendizados.

A possibilidade de participar do projeto com o grupo envolvido neste livro surgiu de nosso contato com a Professora Alice, que anteriormente havia participado de aulas que ministramos no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS), na disciplina *Questões sociocientíficas e argumentação no ensino de ciências*, quando ainda vivíamos em Salvador (Bahia).

Ali começaram as nossas afinidades em torno de nossas discussões sobre um ensino mais ativo e participativo de ciências e também mais contextualizado por questões éticas, políticas, sociais e ambientais. A partir do aprofundamento dessas afinidades, nos envolvemos nesse projeto. Era (e foi) uma rica oportunidade de aprendizagem para nós. Neste período, após o início do projeto, já havíamos nos mudado para a cidade Dourados (no Mato Grosso do Sul), onde iniciamos nossas atuações, então, como professores da Universidade Federal da Grande Dourados.

Para as atividades do projeto, viajamos, então, até Aracaju. Inicialmente, quando chegamos à cidade, encontramos pessoas muito

*DOI – 10.29388/978-65-81417-68-0-f.71-84

acolhedoras e afáveis, além, claro, da bela paisagem costeira, e da brisa do mar. Tudo isso (e muito mais) nos fez sentir muita paz, alegria e tranquilidade.

É realmente interessante sentir este contentamento, que não conseguimos explicar claramente com palavras, e nem podemos gerar a partir, por exemplo, da posse de coisas. É clichê, mas sentimos como verdadeiro: trata-se de ser e não de ter. Nenhum bem material, nem tampouco a busca desenfreada por prazeres sensoriais e cognitivos, nem mesmo o reconhecimento de outros, como, por exemplo, na busca por *likes* e curtidas (estas que parecem características tão marcantes em nossas sociedades contemporâneas) parecem gerar este contentamento originado de uma conexão simples e profunda com o outro.

Então de onde viria este contentamento, este mesmo de que nos falou Confúcio? Acreditamos que, como já aludiam Confúcio, Aristóteles, Tomás de Aquino, entre outros amantes da Sabedoria, este contentamento pode ser relacionado ao desenvolvimento do nosso potencial humano. Falemos, então, um pouco sobre o contentamento, o potencial humano, e as relações disto com a educação e a construção de si e do outro em redes colaborativas. As experiências em Aracaju nos remetem a isso...

Seguindo o raciocínio, a realização do potencial humano pode resultar naquele contentamento de que falávamos... Mas, fica a questão: como realizar o nosso potencial humano? Como diz Mário Sérgio Cortella: Uma vida pequena é aquela que nega a vibração da própria existência. O que é uma vida banal, uma vida venal? É quando se vive de maneira automática, robótica, sem uma reflexão sobre o fato de existirmos e sem consciência das razões pelas quais fazemos o que fazemos (CORTELLA, 2016, p. 11).

Reflexão: atividade tão preciosa e ao mesmo tempo gratuita, ao acesso de todos. Apenas viver para completar um ciclo de nascimento, desenvolvimento, envelhecimento e morte. Não seria muito pouco? O caminho da reflexão, de certa forma, nos torna humanos, nos torna diferentes e nos coloca sobre nossos ombros uma benção e ao mesmo tempo uma carga: a da responsabilidade.

No dia a dia, muitas vezes, estamos no automático: realizamos coisas, mas não nos perguntamos a razão de nossa existência. Somos treinados a executar procedimentos e desenvolver hábitos que a sociedade espera que façamos. Pensamos, planejamos, nos comunicamos, muitas vezes, de forma inconsciente, sem questionar nossos pensamentos, sentimentos e ações...

[...] mas, de vez em quando, algo ocorre e interrompe a nossa sololência, nos obriga a pensar: e agora que faço? [...] distintas opções éticas nos exigem uma boa preparação mental, nos interpelam para que raciocinemos até alcançar uma resposta deliberada; temos que estar preparados para sermos protagonistas de nossa vida [...] (SAVATER, 2012, p. 15)

Nesse contexto, um projeto de ensino, pesquisa e extensão que permitiu, ao mesmo tempo, aproximar estudantes, professores e pesquisadores, para debater experiências e aprendizados, para discutir sob diferentes olhares nossas opções e razões éticas e como estas impactam a sociedade, foi o que nos enriqueceu durante nossas interações. Isso porque sentimos que a convivência foi facilitada, neste projeto, por lidarmos com pessoas responsáveis, abertas à reflexão. A atenção nos detalhes daqueles que nos acompanharam durante a execução do projeto, o carinho que recebemos; por tudo isso, podemos dizer que ficamos felizes, com verdadeiro contentamento, em fazer parte e aprender, junto, com as pessoas desse grupo.

Assim, partindo do pressuposto sobre a existência do potencial humano para se autotransformar e trabalhar coletivamente em direção ao maior desenvolvimento e prática de virtudes, e da importância do contexto educacional para promover esse processo, neste capítulo, em um estilo mais informal, vamos colocar algumas percepções sobre esse potencial presente nas interações durante os encontros promovidos pelo projeto, ressaltando a importância da formação de redes colaborativas para o compartilhamento de experiências, saberes e inspirações.

Escolhas humanas: oportunidade, liberdade e responsabilidade

Para Rachels (2010, p. 62), “Os seres humanos são especiais. São agentes morais, capazes de escolher o tipo de pessoa que serão, e são responsáveis pelas suas escolhas. São capazes de desenvolver o amor e a amizade, bem como de projectar e realizar grandes coisas.” Nós, enquanto coletividade, neste projeto, escolhemos traçar caminhos e ações com base nas virtudes que buscamos desenvolver e que entendemos que são tão importantes para a manutenção de sociedades sustentáveis. Nesse contexto, convergiram-se os diferentes grupos que participaram neste projeto, com suas escolhas, seus valores e seus modos de vida.

Por sermos humanos, ainda comparamos, colocamos em caixinhas, julgamos pessoas, situações e sentimentos. Logicamente, existem contextos adequados para categorizar criticamente, aqui não estamos nos referindo ao trabalho acadêmico, em específico. Muitas vezes, aprendemos a fazer distinções e críticas no cotidiano, que possivelmente geram conflitos e insatisfações. Todavia, do nosso ponto de vista, apesar dos diferentes hábitos e visões de mundo, o que valeu para essa equipe não foi apenas um somatório de conhecimentos, diagnósticos e juízos de valor sobre os problemas do mundo, sobre percepções de estudantes, educadores e pesquisadores. Nós escolhemos priorizar a amizade, os afetos, e a atenção para cada vez mais buscar e promover convivências positivas, com base no aperfeiçoamento cognitivo e moral, individual e coletivo. Dito de outro modo, nossas prioridades – assim sentimos – foram o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos, não somente enquanto profissionais da educação.

Isto nos leva à questão do que nos torna humanos. Sem pretender responder de forma cabal a esta questão milenar, com base na filosofia moral, apenas colocamos uma perspectiva sobre ela. Em nosso artigo: *Ensinando ética* (NUNES NETO; CONRADO, 2021), discutimos a diferença entre contingência e necessidade, correlacionada àquela entre ética e natureza, respectivamente. Nós, humanos, assim como todos os animais, temos um lado necessário, herdado, limitado (necessário no sentido de seguir padrões ou leis da natureza, descritos pelas ciências). Mas, enquanto humanos, temos também um lado contingente, ou seja, indeterminado, aberto, associado com nossas escolhas, sempre diante de nós, como uma consequência do nosso livre-arbítrio.

A ética é a prática de refletir sobre o que vamos fazer e os motivos pelos quais vamos fazer. E por que deveria eu raciocinar, viver deliberadamente, preparar-me na ética? Ocorrem-me dois bons motivos para não fazer vista grossa. O primeiro é que não temos mais remédio; há uma série de aspectos na vida onde não se permite raciocinar nem dar nossa opinião: não depende de nós ter coragem fazer a digestão respirar oxigênio [...] São atividades que me veem impostas pela natureza, pelo código genético, pelo desenho da espécie. (SAVATER, 2012, p. 16)

Nossa condição humana nos permite a liberdade para pensar de forma complexa, escolher entre diferentes caminhos e agir, gerando transformações internas e externas, diferente de quaisquer outros animais. Assim, segundo o autor (SAVATER, 2012, p. 18):

[...] tenho que escolher o que vou fazer com minha vida, o que vou aceitar e o que vou negar. Tenho que escrever meu papel na função da vida. Tenho que escolher o que faço e justificar minha decisão. Se quero viver humanamente, e não como um animalzinho, é bom que seja porque creio que me será melhor fazer uma coisa e não outra. Às vezes, a explicação é bem simples. Por exemplo, se vivo no oitavo andar e quero descer à rua, posso optar por entrar no elevador ou pular pela janela.

Para o autor, apesar das vantagens de sermos livres, não somos livres para renunciar essa liberdade; temos a obrigação de assumir essa responsabilidade por nossa liberdade. Ou, como disse Sartre: "estamos condenados à liberdade". Nesse sentido, aproximando-nos do que poderia parecer um paradoxo, a liberdade de escolha (característica do mundo contingente humano) pode ser entendida como uma necessidade humana; "[...] é uma característica do ser humano e não podemos deixá-la, por sermos humanos. Estamos destinados a inventar nosso destino sem segundas oportunidades." (SAVATER, 2012, p. 18). Aqui, acreditamos que, ao refletirmos mais, perceberemos que isso deve ser comemorado: a natureza, as condições iniciais, as potências são dadas, mas temos capacidade de modificar: o que fazemos com o que temos é nossa responsabilidade (CHAUÍ, 2000). E, no espaço educativo, sempre podemos explicitar essa liberdade de escolha entre diferentes caminhos possíveis. Perceber essas diferentes opções e nosso poder de agência sobre elas é parte do que chamamos de criticidade, superando um estado pré-reflexivo de aceitação passiva de condições que, muitas vezes, nos afastam de nossa liberdade de viver e assumir a responsabilidade sobre as próprias escolhas.

Para Savater (2012), há duas principais razões para sermos éticos e praticamos a ética: a primeira diz respeito à nossa condição de ser humano que, por um lado, tem liberdade e plasticidade para se reinventar, transformar e ser mais; superar a sua natureza animal. Por outro lado, temos a responsabilidade e a obrigação de assim sermos. A segunda razão é que não somos imortais; somos frágeis e vulneráveis, por isso, para sobreviver, precisamos viver em grupos.

[...] a nossa vida é irrepetível e frágil, única para cada um de nós, protagonizada por seres vulneráveis que, a cada minuto, estão em perigo de morte. Ameaçados não apenas pela morte física, mas também por outras mortes: a morte social, a morte sentimental, a morte da saúde; tudo que se afasta e nos deixa abandonado; tudo

que nos fere e nos deixa tristes, solitários frustrados [...] entendemos a dor e a fragilidade alheia porque todos somos vulneráveis. A reflexão ética pretende nos ajudar a entender como podemos ajudar uns aos outros a conviver melhor, a desfrutar da melhor vida possível. (SAVATER, 2012, p. 22)

Considerando o contexto que vivenciamos no projeto, a vida tornou-se melhor na presença daquelas pessoas, naqueles momentos, pois desde a escolha por participarmos do PROMOB, até nossa reflexão final sobre ele, aprendemos a apreciar, a agradecer e a reconhecer a importância dos compartilhamentos, enquanto agrupamento humano, em direção sempre ao aprimoramento individual e coletivo, a partir da educação. Nesse sentido, pudemos sentir o quanto nossas vidas e existências são preciosas, que não se repetirão, e que, a cada sorriso e olhar trocados, estabelecemos e cultivamos caminhos e condições para boas afinidades e bons relacionamentos.

Autenticidade e outras virtudes

No contexto da ética, de que temos falado aqui, um aspecto importante é o das virtudes. Como sugere Comte-Sponville (2009), já não atribuímos importância tão grande e central às virtudes, e, por vezes, pode parecer algo fora de moda, ou ligado a tradições obsoletas das religiões. Mesmo que pareça fora de moda, as virtudes (estas excelências, que todos nós temos em potência) nunca sairão de moda. “É melhor ser alegre que ser triste”, como diria a canção. É melhor a sabedoria do que a ignorância. É melhor a tolerância e a misericórdia à raiva. É melhor doar ao outro do que querer tudo para si. Difícil não ver as virtudes como boas. “A virtude de um ser é o que constitui seu valor, em outras palavras, sua excelência própria [...] a virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade.” (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 8). E se há calamidades e tragédias no mundo (e, com certeza, elas são muitas), elas não são intensificadas pelas virtudes, mas sim pela falta delas. E se, tendo o potencial de manifestar as virtudes, elas nos faltam, como podemos superar esta falta? Como podemos transformar em realização as virtudes que temos em potência? Aqui, talvez, as pistas de pessoas sábias do passado possam nos ajudar. Essas pessoas possuem uma característica essencial: autenticidade.

Durante o projeto, discutimos a importância de haver a correspondência entre o discurso e a prática. Pensamos que essa coerência é um ponto central para nosso desenvolvimento enquanto indivíduo e enquanto comunidade. Precisamos ser aquilo que pregamos, de modo a sermos autênticos: “[...] [a]gir conforme aquilo que se fala, alinhar discurso e prática, além de ser uma postura ética, é um sinal de autenticidade. Uma pessoa autêntica, no sentido etimológico, é aquela que coincide com ela mesma.” (CORTELLA, 2015, p. 65).

Nesse sentido, o ser humano autêntico tem coerência entre o que faz e diz, entre o que é e aparenta ser. Para isso, é necessário criticidade e reflexão sobre a própria forma de viver, pensar e agir. Essa reflexão, por vezes, pode ter gerado em nós algum desconforto, nos diálogos com os estudantes, uma vez que temos muitas contradições que nem queremos perceber ou transparecer. “Uma das coisas que apequenam a vida é o sofrimento originado pela incapacidade de a pessoa fazer coincidir aquilo que é com aquilo que pensa de si mesma.” (CORTELLA, 2015, p. 66). A fim de evitar esse sofrimento, por vezes, desviamos o foco, apontando os problemas e responsabilidades de outros. No campo educacional, lembramos, ao discutir o texto de Bearzi (2009, p. 1, tradução nossa), que é fácil detectar a falha no outro, mas e quando nós estamos “cegos” para nossos erros e insuficiências?

Nós pensamos em nós mesmos como profissionais que são conscientes dos problemas ambientais e que trabalham duro para resolvê-los, mas nós prestamos pouca atenção ao que nós fazemos, compramos e consumimos. [...] Nós nos perguntamos como podemos parar de contribuir para os problemas globais e finalmente nos tornarmos parte da solução ao menos nas áreas em que somos mais apaixonados e preocupados. Isso implicaria desistir de padrões de vida confortáveis? [...] Sem questionar, nós preferiríamos que os nossos governos tomassem conta das questões ambientais e éticas ao invés de termos de enfrentar, nós mesmos, escolhas difíceis.

Por isso, a relevância de uma educação crítica para além da capacidade de obter e avaliar conhecimentos, reproduzir técnicas e dominar tecnologias, que permita o reconhecimento dos interesses e valores que orientam nossas decisões e a discussão do que queremos para a sociedade em que vivemos e como podemos realizar mudanças para nos aproximarmos dessa sociedade ideal (CONRADO; NUNES-NETO, 2018; BENCZE *et al.*, 2019). Aqui, a educação é chave: “Ser

responsável pela formação de pessoas é assumir com honestidade de propósitos aquilo que se pratica.” (CORTELLA, 2015, p. 22), uma vez que a educação é também um processo contínuo de aprimoramento do caráter pessoal para conviver no contexto social e o docente se torna um modelo de valores e práticas para os discentes.

Neste sentido, podemos tomar a ideia de sermos modelos uns para os outros. Valorizar ações virtuosas – mais do que buscar por ídolos perfeitos – significa acreditar no potencial humano para praticar virtudes. Os cuidados que nossos anfitriões tiveram para que pudéssemos ter excelentes momentos para juntos compartilhar nossas experiências, por exemplo, foram inspirações para nós. Com certeza, a manifestação destas virtudes, por parte de nossos anfitriões e colegas, nos inspira e nos remete, imediatamente, à nossa responsabilidade, de também sermos, na medida do possível, um modelo a inspirar outros. E isto, de buscar ser exemplo de virtudes para outros, pela própria prática dedicada, nos parece que é uma chave na formação e na manutenção bem-sucedida de grupos colaborativos. Isso mostra, ao mesmo tempo, a importância de vermos a manifestação de virtudes no outro, como também refletirmos em nós mesmos se estamos desenvolvendo essas virtudes. E contribuir com a construção de uma sociedade virtuosa parece um bom propósito para se comprometer.

“A ideia de consciência sobre os propósitos está ligada à noção de valores. [...] O campo ético é decisivo porque lida com os valores que me permitem ter uma conduta na vida.” (CORTELLA, 2016, p. 91). Para Singer (2002, p. 349), sociopatas “[...] levam seu egocentrismo ao máximo: nada lhes interessa, nem as outras pessoas.”; assim, a vida não tem sentido para eles. “Não tem sentido porque se volta para os prazeres do momento, sem buscar alguma coisa a longo prazo, ou um objetivo mais abrangente [que não a satisfação única de seus próprios desejos].” (SINGER, 2002, p. 350). Pelo contrário, uma vida com objetivos mais abrangentes, considerando nossas conexões com o todo, com a vida em coletividade, aumenta nossa capacidade de manifestar virtudes: “[...] é como um organismo vivo, cujos diferentes membros estão intimamente ligados uns aos outros, de tal forma que, quando um deles é afetado, todo o conjunto sofre com ele.” (COMPARATO, 2016, p. 582). Essa é uma das bases da solidariedade:

O substantivo *solidum*, em latim, significa totalidade de uma soma; *solidus* tem o sentido de inteiro ou completo. A solidariedade não diz respeito, portanto, à humanidade isolada, nem há uma

proporção entre duas ou mais unidades, mas a relação de todas as partes de um todo entre si e cada uma perante o conjunto de todas elas. (COMPARATO, 2016, p. 581)

Particularmente, quando pensamos sobre esses valores que orientam nossas ações em direção à realização de um propósito,

[...] ao prevalecer o altruísmo, intensifica-se a identidade comum que, sem apagar as diferenças, predispõe ajuda mútua e gera sentimentos de afeto e fraternidade. Aprender a conviver é edificar a ética da alteridade, uma ética relacional preocupada em criar vínculos entre as pessoas: uma alter ética. Como temos dito, aprender a conviver pressupõe estabelecer vínculos pessoais baseados na abertura e na compreensão, é proceder a descoberta do outro que permite tratá-lo humanamente. (PUIG, 2007, p. 70)

Durante as reuniões e palestras que participamos, percebemos, nas interações com os colegas e principalmente com os jovens, um misto de entusiasmo com interesse e engajamento para aprender mais, para realizar as transformações tão necessárias e urgentes, visando melhorias nos processos envolvidos na educação.

Percebemos a superação de diferenças entre os participantes do grupo para a construção coletiva de projetos comuns, tornando a convivência e as discussões fluidas e interessantes e voltadas para o alcance de um propósito relevante para todos: aprender a sermos humanos melhores. Como disse Puig (2007, p. 71):

Por outro lado, aprender a conviver também supõe comprometer-se a colaborar em projetos comuns. Não se trata apenas de chegar a entender cognitivamente o outro, mas também de se aproximar dele pelo caminho da ação conjunta. Uma das melhores maneiras de incrementar a compreensão e o reconhecimento do outro é compartilhar projetos de ação que aproximem os objetivos dos participantes e os convidem a realizar tarefas comuns. Além disso, a realização de projetos de colaboração é a demonstração mais clara de que se chegou a um alto nível de convivência. A antítese da separação e do isolamento é o compromisso num trabalho compartilhado. Atualmente, podemos afirmar que trabalhar em grupo e colaborar em projetos transformou-se no valor ético educativo e econômico de primeira magnitude.

Nesse sentido, com a execução colaborativa de projetos em comum, no PROMOB foi possível desenvolver habilidades em diferentes níveis: instrumentais, durante os seminários e discussões; interpessoais, durante as reuniões dentro e fora da sala de aula; sistêmicas, durante as ações e os processos de elaboração de produtos do projeto (VILLA; POBLETE, 2009).

Pensamos em redes, quando compartilhamos conhecimentos, percepções, valores, interesses, modos de pensar e agir. Para Latour (2012), crenças, valores, contradições e conflitos influenciam movimentos constantes de agrupamento e desagrupamento, entrelaçando histórias, ideologias e afinidades dos atores sociais envolvidos, que se transformam nesses processos, permitindo que todos possam crescer, agir e transformar essa rede (SCHLIECK; BORGES, 2018; SILVA; TONETTI, 2019).

Durante as reuniões, tivemos oportunidades de visualizar diferentes caminhos e participar da construção de diversos modos de ação, em visões que contribuíram para nossa própria transformação. Isso nos leva a um ponto relevante: o das redes, que nos conectam por afinidades que permitem influências e inspirações de uns sobre outros, transformando a própria rede. Nesta rede, refletimos diferentes caminhos e possibilidades de ação, e que fornecem chances e abertura para transformações tanto pessoais, quanto sociais (MELO, 2011).

Concluindo: aprofundamento da sabedoria em redes

O modo como fazemos nosso trabalho e como estabelecemos relações com outros influenciam no desenvolvimento maior ou menor de algumas habilidades e competências, contribuindo para nossa identidade não só profissional como também pessoal (CORTELLA, 2016).

Encontros como esses foram e são oportunidades de desenvolver o potencial de cada um e de todos os participantes, mediante diferentes situações, como divergências de opiniões, imprevistos, alegrias, compartilhamentos. Nossas interações foram muito tranquilas; nesse sentido, como realizar o treinamento quando não há aparente dificuldade na convivência? Mesmo escolhendo uma profissão ou um trabalho de que gostamos, há dias e tarefas mais difíceis; há situações e etapas não tão agradáveis ou prazerosas, o que pode gerar desconfortos (CORTELLA, 2016). Mesmo convivendo com pessoas das quais gostamos, geralmente não concordamos exatamente com tudo o que elas fazem.

No âmbito pessoal, o caminho para o desenvolvimento do agente virtuoso não é fácil; há desgastes, sacrifícios, e algumas vezes desânimos. Se não houver sentido naquilo que fazemos, então a vida é desperdiçada rapidamente. “Mas, se existir um objetivo adiante, um propósito maior, esse desgaste será compensado pelo resultado.” (CORTELLA, 2016, p. 86). Esse resultado nem sempre é visível, ou contabilizável. Nesse contexto, pensamos que, se o PROMOB desenvolveu e gerou crescimento interno para cada um de nós, e acreditamos que gerou, em direção à maior reflexão e prática de virtudes e à prática de ações sustentáveis, então valeu a pena. Refletimos que, apesar das diferenças na forma de nos manifestar, temos um propósito em comum: contribuir individual e coletivamente para uma vida melhor para todos os seres, humanos e não-humanos, atuais e futuros (SINGER, 2002; RACHELS, 2010).

“A grande matéria-prima de nossa identidade são as referências que recorremos para tomar decisões.” (COEN; BARROS FILHO, 2018, p. 52). Algumas pessoas foram consideradas grandes referências e modelos de exemplo; usamos esses modelos para pensar: o que uma pessoa como ela faria? Em momentos difíceis, pensamos: qual seria a decisão de uma pessoa justa, numa situação desafiadora como essa? Nesse projeto, tomamos vários atores sociais como referência para servir de exemplo de virtudes: a cortesia e o carinho de alguns; a tolerância e a compreensão de outros; a responsabilidade e a benevolência de muitos. As virtudes manifestadas por pessoas, tão humanas como nós, nos fornece força para enfrentar o mundo imperfeito como é, nos empurrando para nosso aprimoramento. Portanto, nossos defeitos (sejam individuais ou coletivos) aparecem na convivência social (atualmente em redes cada vez mais entrelaçadas), sendo interpretados, por nós, como desafios a se superar. E, nesse processo, aprender e crescer.

Num mundo ‘perfeito’ não existiriam problemas para superar e, assim, não existiriam oportunidades para desenvolver o carácter moral. Não poderia haver algo como a coragem, pois não existiriam perigos para enfrentar. Não poderia haver algo como a prestabilidade ou a generosidade, já que ninguém precisaria de ajuda. Todas as outras virtudes – como a benevolência, a compaixão, a perseverança e a criatividade – também ficariam esquecidas, pois só desenvolvemos estas qualidades quando nos esforçamos por lidar com a adversidade. Se vivêssemos num ambiente perfeito, não haveria trabalho para fazer. Seríamos lesmas – lesmas que desfrutariam a vida, mas lesmas. (RACHELS, 2010, p. 65)

Como educadores, sabemos que o processo de aprendizagem é contínuo e interminável, sendo essencial haver sempre disponibilidade e disposição para aprender mais. Mediante aos problemas socioambientais que enfrentamos: “[...] quando desejamos edificar uma convivência decente, requer de nós a urgência de nos prepararmos ainda mais para os desafios éticos.” (CORTELLA, 2015, p. 21).

Todas as vivências no projeto foram oportunidades de refletirmos um pouco mais sobre nosso papel como educadores, influenciadores, e modelos para nós mesmos e para outros. Lembramos que a vida docente não é fácil, mas é, sobretudo, uma escolha, permeada por valores:

[...] toda escolha implica atribuição de valor entre várias candidaturas, entre várias possibilidades, para identificação da possibilidade ou da alternativa de maior valor [...] quem escolhe ser professor [...] conta muita coisa que lhe é muito importante, que tem, para si, muito valor. (COEN; BARROS FILHO, 2018, p. 53)

O que percebemos, entre os participantes, foi uma paixão pela profissão: um engajamento para aprender, em múltiplos sentidos. Sabendo das dificuldades e limitações pessoais, sociais e institucionais, sabendo da importância do esforço: “Para as coisas acontecerem, é preciso esforço.” (CORTELLA, 2016, p. 85), mas lembrando também da amizade, da lealdade, da união e das alegrias desenvolvidas nesse projeto, podemos concluir que valeu mesmo a pena; o trabalho educacional foi e sempre será árduo, mas “Que o trabalho não impede que se curta a existência” (CORTELLA, 2016, p. 93).

Referências

BEARZI, G. When swordfish conservation biologists eat swordfish. **Conservation Biology**, v. 23, n. 1, p. 1-2, 2009.

BENCZE, L. *et al.* Bloqueios ao engajamento cívico crítico e ativo na/através da Ciência Escolar: Histórias do Campo/Roadblocks to critical and active civic engagement in/through school science: stories from the field. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 9, n. 25, p. 47-70, 2019.

CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COEN, M.; BARROS FILHO, C. **A monja e o professor**: reflexões sobre ética, preceitos e valores. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

COMPARATO, F. K. **Ética**: direito, moral e religião no mundo moderno. 3. ed.rev. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CONFÚCIO. **Analectos**. São Paulo: EdUNESP, 2012.

CONRADO, D. M.; NUNES-NETO, N. F. (Orgs.). **Questões sociocientíficas**: fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas. Salvador: EDUFBA, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27202>. Acesso em: 02 fev. 2020.

CORTELLA, M. S. **Porque fazemos o que fazemos?** aflições vitais sobre trabalho, carreira e realização. São Paulo: Planeta, 2016.

CORTELLA, M. S. **Educação, convivência e ética**: audácia e esperança. São Paulo: Cortez, 2015.

LATOURE, B. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

MELO, M. F. A. Q. Discutindo a aprendizagem sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Educar em Revista**, n. 39, p. 177-190, jan./abr. 2011.

NUNES NETO, N.; CONRADO, D. M. Ensinando Ética. **Educação em Revista**, v. 37, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469824578>. Acesso em: 12 jun. 2021.

PUIG, J. M. Aprender a viver. *In*: ARANTES, V. A. (Org.). **Educação e valores**: pontos e contrapontos 2. ed. São Paulo: Summus, 2007. p. 65-106.

RACHELS, J. **Problemas da filosofia**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 2010.

SAVATER, F. **Ética de urgência**. Barcelona: Ariel Planeta, 2012.

SCHLIECK, D.; BORGES, M. K. Teoria ator-rede e educação: no rastro de possíveis associações. **Revista Triângulo**, Uberaba, v. 11, n. 2, p. 175-198, 2018.

SILVA, E. L. P.; TONETTI, E. L. Convergência dos estudos CTS e da Paisagem para entender a Relação Sociedade-Natureza. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 15, n. 1, p. 101-111, 2019.

SINGER, P. **Ética prática**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VILLA, A.; POBLETE, M. **Aprendizaje basado en competencias**. Una propuesta para la evaluación de las competencias genéricas. Bilbao: Mensajero, 2009.